



A Construção Contemporânea da Ideologia Cínica

Eduardo Barbosa Parra¹
PIBIC/CNPq

Resumo:

O objetivo deste trabalho é expor uma das modalidades que surge da análise do conceito de ideologia na obra de Slavoj Žižek, o conceito de ideologia cínica. Este tipo de ideologia emerge a partir do cenário político contemporâneo através de dois tipos de posturas cínicas diferentes: uma diz respeito a uma espécie de “subversão pragmática” de cunho popular frente à ideologia dominante no sentido de negá-la, ou seja, a intenção, aqui, é a exposição de todos os interesses encobertos pelo discurso oficial; a segunda postura funciona como a “negação da negação”, a resposta do discurso oficial ao “cinismo subversivo”, consistindo na reafirmação cínica dos interesses anteriormente ocultos pelo universal ideológico. Esta última postura é propriamente a ideologia cínica, a qual estabelece relação com o sujeito, por um lado, enquanto imposição externa, isto é, através da determinação dos Aparelhos Ideológicos de Estado, ou, por outra monta, se impõe como elemento imanente ao próprio processo de reprodução social, isto é, surge “espontaneamente” através das relações sociais estabelecidas entre os sujeitos. O problema desta modalidade de ideologia é, justamente, o fato de ela não mais corresponder à definição clássica de ideologia que compreende o conceito enquanto discurso que almeja nos obliterar de seus reais interesses, disto decorre que, ou vivemos uma sociedade pós-ideológica, ou esta modalidade está assentada sobre outras bases e, portanto, a leitura sintomal não mais é um instrumento eficaz de crítica ideológica. Através de nosso trabalho mostraremos que o último apontamento é o correto.

Palavras-chave: Žižek. Althusser. Marxismo. Ideologia. Cinismo. Crítica.

Abstract

This work is an expose of how the analysis is that the concept of ideology in the work of Slavoj Žižek, the concept of ideology cynical. This type of ideology emerges from the contemporary political scene by two different types of postures cynical: one concerns a kind of "pragmatic subversion" against the popular nature of dominant ideology in order to deny it, or the intention here is the exposure of all interests hidden by the official discourse, the second position acts as the "negation of negation", the response of the public discourse to the "subversive cynicism", being the cynical affirmation of the interests previously hidden by universal ideological. That stance is the properly cynical ideology, in which relationship with the subject, on the one hand, while imposing foreign, ie, through the determination of the ideological apparatus of state, or by other builders, is required as an element inherent to the process of social reproduction, ie, is "naturally" through the social relations between the subjects. The problem with this type of ideology is precisely the fact that she no longer match the traditional definition of ideology that understands the concept as a discourse that aims to obliterate from their real interests, it follows that, or live a post-ideological society, or This method is based on other bases and thus the reading sintomal is no longer an effective tool of ideological criticism. Through our work show that the last point is correct.

Keywords: Žižek. Althusser. Marxism. Ideology. Cynicism. Criticism.

¹ Aluno de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília.
Orientador: Prof^o Dr. Ricardo Monteagudo. Email: eduardobparra@gmail.com



Nossa proposta neste pequeno concatenado é não mais do que expor o conceito de *ideologia cínica* contida na obra de Slavoj Žižek. Tal noção emerge no cenário político contemporâneo como uma nova maneira das classes dominantes se portarem frente a seus interesses práticos. Por esta ótica a Tese da Ideologia Dominante (TID) não mais é um enunciado direcionado a nos convencer de sua veracidade e ocultar seus reais interesses, mas, ao contrário disto, é a postura que trata de admitir todos os objetivos, sem com isso furtar-se a eles. Esta modalidade pode ser definida da seguinte maneira: “eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas fazem assim mesmo” (ŽIZEK, 1999a, p.14).

Dito isto somente nos falta ressaltar que o autor trabalha esta noção principalmente através da tradição filosófica ligada ao marxismo e da psicanálise, o que implica que as análises aqui contidas estarão permeadas pela relação entre estas duas cátedras.

Ideologia cínica é precedida na tradição filosófica por três formas de concepção do conceito de ideologia: uma é aquela cuja análise culmina na *leitura sintomal*; a outra origina os *Aparelhos Ideológicos de Estado* (AIE); e, por último, temos a visão que deriva da análise do discurso.

A primeira das modalidades descritas, a *leitura sintomal*, assume *ideologia* enquanto pressupostos pragmáticos inseridos intencionalmente em um enunciado afim de nos obliterar o efeito almejado, isto é, um discurso de pretensões universais que, ao ser realizado, desemboca em conseqüências práticas diferentes das expostas, ou, “o ‘sintoma’, estritamente falando, é um elemento que subverte seu próprio fundamento universal, uma espécie que subverte seu gênero” (ŽIZEK, 1999b, p.306). Epistemologicamente esta modalidade depende do desconhecimento:

Chegamos finalmente à dimensão do sintoma, pois uma de suas definições possíveis seria, igualmente, “uma formação cuja própria consistência implica um certo não-conhecimento por parte do sujeito”: o sujeito só pode “gozar com seu sintoma” na medida em que sua lógica lhe escapa – a medida do sucesso da interpretação do sintoma é, precisamente, sua dissolução. (ŽIZEK, 1999b, p.306)



Já o segundo modo apresentado surge da noção althusseriana de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), que nada mais são que instrumentos institucionais, formal e materialmente constituídos para disseminar a Tese da Ideologia Dominante (TID) pela sociedade. São superestruturas voltadas à reprodução social, derivadas ontologicamente das relações materiais existentes, mas que gozam de uma relativa autonomia frente a estas relações. Disto deriva que ideologia aqui não mais depende do desconhecimento do sujeito, e sim, antes, de seu agir. Os AIE superam a necessidade da crença prévia para condicionar a ação dos sujeitos, pois, impõe a ideologia de forma retroativa através da determinação de práticas ao sujeito, ou seja, eles dizem *o que* devem fazer e *como* devem se comportar as pessoas, isso através da determinação de rituais que tem de ser fisicamente praticados (igreja e escola são dois tipos de AIE).

E, finalmente, a *análise do discurso* apresenta uma visão acerca do conceito de ideologia que o descaracteriza enquanto peça na reprodução das relações de produção socialmente existentes: “na etapa seguinte de nossa reconstrução, essa externalização é, por assim dizer, ‘refletida em si mesma’: o que ocorre é a desintegração, autolimitação e autodispersão da noção de ideologia” (ZIZEK, 1999a, p.19). Por esta visão, a noção de ideologia perde força, deixa de se delinear por um eixo ideológico “homogêneo”, passando a ser uma gama de processos de alcance localizado.

Dentro dessa linha, as críticas da chamada Tese da Ideologia Dominante (TID) empenham-se em demonstrar que, ou uma ideologia exerce uma influência crucial, mas estrita a uma camada social estreita, ou seu papel na reprodução social é marginal. (ZIZEK, 1999a, p.20)

Pois bem, visto isto, podemos dizer que toda problemática da ideologia reside no paradigma do “Dentro/ Fora”. Recapitulando: ideologia é a distorção da realidade por interesses ocultos, mas também qualquer dispositivo textual ou simbólico; depois, a ideologia é materializada pelos AIE que impõem a ideologia de cima para baixo, e pelo fetiche da mercadoria (Lukács) que a determina de baixo para cima, reside, portanto, na oposição Estado Mercado. Então, podemos afirmar que a noção de ideologia se mantém, de maneira geral, na oposição entre duas esferas, a ideologia espontânea que é inerente ao próprio espaço de vivência e a ideologia enquanto uma imposição externa que distorce nossa realidade. “Essa tensão entre a ‘espontaneidade’ e a imposição



organizada introduz uma espécie de distanciamento reflexivo no próprio cerne da noção de ideologia: a ideologia sempre é, por definição, ‘ideologia da ideologia’” (ZIZEK, 1999a, p.25).

Estas considerações iniciais nos abrem caminho para prosseguirmos a análise à qual nos propusemos, de maneira que, antes de adentrarmos especificamente em nosso objeto, necessitamos ainda mais uma definição preliminar, a saber, a categoria do *como se*.

Ora, distinguir entre uma ideologia espontânea imanente às relações sociais e, por outra monta, uma ideologia imposta pela organização de um autômato externo (ideologia = “ideologia da ideologia”), significa dizer que uma ideologia, um conjunto de signos (simbolização) aglutinados de maneira a “representarem” uma realidade, somente pode se manter pela oposição a um outro conjunto de idéias localizado geralmente em outra instância. Surge enquanto decorrência disto que qualquer simbolização acerca de uma realidade é sempre já uma significação incompleta, jamais poderá dar conta de um objeto em sua completude. Então, não podemos diferenciar entre verdade e aparência. A noção marxista de fetiche da mercadoria nos mostra que aquilo que é “real” acaba por ser revestido de uma aparência, e aquilo que é “insubstancial” acaba por ter uma materialização. Fica impossibilitado assim o contato com o real “em si”, somente podemos vislumbrar simbolizações incompletas sobre a realidade que nos cerca.

O Real é, assim, a aparência como aparência, ele não apenas aparece NO INTERIOR das aparências, mas é também TÃO-SOMENTE sua própria aparência – é apenas um certo ESGAR da realidade, um certo traço imperceptível, insondável e, em última instância, ilusório, que responde pela sua absoluta diferença no interior da identidade. (ZIZEK, 2003, p.171)

Partindo desta relação de incompletude existente entre o objeto e sua simbolização, o autor introduz em sua análise do conceito de ideologia o horizonte psicanalítico através da noção de *espectro*. Esta nada mais é do que a aparição repentina das características do Real que não podem ser significadas. O espectro, que preenche a lacuna do real, mostra aquele algo irrepresentável que está “recalcado” na própria *falta* que surge entre o real e sua simbolização.



Ou seja, se examinarmos de perto o status ontológico do que Sohn-Rethel chama de “a abstração real” [das reale abstraktion] (isto é, o ato de abstração que opera no próprio processo efetivo da troca de mercadoria), verificaremos ser impressionante a homologia entre seu status e o do inconsciente, dessa cadeia significativa que persiste em uma “Outra cena”: a “abstração real” é o inconsciente do sujeito transcendental, o suporte do conhecimento científico objetivo-universal. (ZIZEK, 1999,b p.303)

Aqui surge exatamente a categoria do *como se*. Da mesma maneira que as ciências dependem de um aparato categorial a priori, como se seu objeto fosse determinado pelas características universais “previamente existentes” e não a universalidade deduzida das características particulares do objeto, em homologia com o marxismo, podemos dizer que esta *abstração real* está fundamentada não nas propriedades materiais da mercadoria, mas no caráter do “como se”: no ato de troca age-se *como se* a mercadoria não fosse submetida a empiria, prova disto é o fato de o dinheiro ser encarado como uma entidade imaterial cujo seu valor advém de um atributo simbólico, de sua função social. Ou seja, a categoria do *como se* nada mais é do que a atitude, por parte do sujeito, de inversão da ordem de determinação das coisas, age-se como se o abstrato originasse o concreto, quando na realidade é do concreto que se deduz o abstrato.

Neste momento entramos efetivamente no terreno de nosso objeto, a *ideologia cínica*, visto, pois, já termos discorrido sobre os antecedentes necessários à sua definição.

Ideologia, assim como fora supracitado, é um discurso que se pretende universalmente verdadeiro, subscrevendo seus pressupostos pragmáticos nas entrelinhas de tal enunciado. Sabemos também que o principal caráter de uma atitude ideológica é o desconhecimento da rede de relações na qual esta inserida. Bem entendido, significa isto que todo universal ideológico carrega consigo um elemento antitético, uma contingência que nega sua universalidade e que, ao mesmo tempo, é condição para sua existência - isto é, somente se mantém por síntese dialética. Remetendo à tradição filosófica, localizamos isto que já estamos definindo no conceito marxista de *fetichismo da mercadoria*, o qual culmina na noção de *reificação*. Ou seja, a atitude que desconhece a rede de relações que a submete origina um sujeito que *naturaliza* as relações que só acontecem em determinada estrutura. Ou segundo o próprio autor:



“Ser rei” é um efeito da rede de relações sociais entre um “rei” e seus “súditos”; mas – e aí está o desconhecimento fetichista –, para os participantes desse vínculo social, a relação aparece necessariamente de forma inversa: eles acham que são súditos, dando ao rei um tratamento real, porque o rei já é rei em si mesmo, fora da relação com seus súditos, como se a determinação “ser rei” fosse uma propriedade “natural” da pessoa de um rei. (ZIZEK, 1999b, p.309)

Esta citação, marxista, ilustra uma relação de cunho feudal. O que temos que ter em mente é que no capitalismo esta relação fetichista não se dá entre os homens, mas entre as coisas, ela é deslocada das relações humanas para as relações entre as mercadorias, melhor dizendo, a relação entre os homens passa a ser completamente mediada pelas relações de troca. Isto denota a importância do sintoma para uma crítica do atual estado de coisas, pois, as relações de dominação estão recalçadas sob a aparência de liberdade capitalista, as relações intersubjetivas passam a se ocultar nas relações entre as coisas (mercadorias). Além disso, essas teses marxistas resguardam, por hora, um potencial crítico ao totalitarismo, onde “(...) a origem do totalitarismo é um apego dogmático à palavra oficial: a falta do riso, do desprendimento irônico” (ZIZEK, 1999b, p.311).

Será então a *ironia* uma nova arma contra a ideologia hegemônica? Ou poderá o poder libertador do desprendimento irônico voltar-se contra si e tornar-se condição necessária ao funcionamento harmônico do sistema de exploração vigente?

Retomando: para Marx a definição de ideologia gira em torno de uma falsa consciência da realidade, ou a completa abstração dela; para os frankfurtianos ideologia é *conditio sine qua non* da reprodução social. Ora, a ironia surge enquanto elemento negativo do processo ideológico que é objeto de crítica da leitura sintomal, isto coloca esta ironia em um patamar crítico à Tese da Ideologia Dominante. Porém, a réplica das classes dominantes a esta *ironia* dá origem a outra noção de ideologia, a “razão cínica”, que consiste no conhecimento da falsidade de um universal ideológico junto a sua paradoxal aceitação.

Para dizer mais especificamente, a razão cínica emerge entre dois tipos de cinismo diferentes, um é a expressão da rejeição popular à cultura oficial, é uma espécie de “subversão pragmática” no sentido de expor os interesses encobertos das classes socialmente dominantes, não obstante, é a “negação” da ideologia hegemônica; o



segundo tipo de cinismo funciona como a “negação da negação”, a resposta oficial ao “cinismo subversivo”, que consiste na afirmação, obviamente cínica, dos interesses ocultos pelo universal ideológico, admitindo abertamente os atos cometidos e anteriormente escamoteados.

Derivam da noção de ideologia cínica recém definida duas formas de sua apresentação, ambas nascidas da oposição entre universalidade e particularidade:

Essa oposição, cuja primeira manifestação filosófica foi dada pelo par Platão-Aristóteles, encontra sua expressão mais recente sob a forma das duas modalidades de ideologia cínica: o cinismo “consumista” pós-protestante do capitalismo tardio e o cinismo presente no extinto “socialismo real” (ZIZEK, 1999a, p.23).

A primeira destas modalidades trabalha através da desvalorização da palavra, ela não traz mais compromisso, é como se o mundo estivesse alheio ao que é dito, o sujeito goza de plena “liberdade” (liberdade de expressão, de imprensa etc.) desde que isto não signifique nenhuma alteração prática na configuração de classes vigente, desde que ela não se materialize em atos. Já na segunda, o que ocorre é uma super valorização da palavra, o simbólico passa a representar algo de poderoso que pode por abaixo todo o edifício estatal, os signos proferidos pelo sujeito são sempre já considerados como atos pela burocracia dominante.

Então, sumamente, *ideologia cínica* é a postura que admite seu envolvimento subjetivo para com os pressupostos pragmáticos de um determinado enunciado, sem que isto signifique prejuízo a tais pressupostos.

Pois bem, esta nova modalidade de ideologia, como não poderia deixar de ser, ao nascer dá a luz, também, a uma série de novos problemas. O principal deles é o problema da *validade epistemológica* da noção total de ideologia até agora em voga. Outrora tratávamos ideologia enquanto um discurso que se pretende verdade a fim de ocultar os reais efeitos almejados, contudo, o que faremos doravante visto não mais figurar entre os objetivos da atual modificação de ideologia a intenção de “ocultar seus reais interesses”? Terá o cinismo tornado a noção de ideologia peça de museu? Este novo totalitarismo há de ter inaugurado o tempo de uma sociedade pós-ideológica?

É aqui, neste ponto, que a distinção entre *sintoma* e *fantasia* deve ser introduzida, para mostrar como a idéia de estarmos vivendo uma sociedade pós-ideológica é um pouco apressada demais: a razão cínica, com todo seu desprendimento irônico, deixa intacto o nível



fundamental da fantasia ideológica, o nível em que a ideologia estrutura a própria realidade social. (ZIZEK, 1999b, p.314)

Fantasia é a atitude que desconhece o conjunto de relações no qual está envolvido, remetendo assim a esfera do *saber*. No entanto, existe ainda outro tipo de *fantasia*, trata-se de uma atitude que conhece a rede de relações na qual está inserida, mas, ainda assim, continua a proceder *como se* não o soubesse. Este tipo de atitude funda-se em uma inversão fetichista que tende a considerar essencial nos objetos suas características universais e abstratas ao invés das particulares e concretas, é como se os objetos particulares tivessem se originado a partir das características gerais, e não as características gerais deduzidas da particularidade dos objetos – em termos marxistas, é como se a universalidade do valor de uma mercadoria desse origem a seus atributos concretos. Por isso, este último tipo de *Fantasia* se embasa fundamentalmente no agir dos sujeitos.

Ideologia enquanto agir remete diretamente aos AIE, os quais impõe, como já visto, a TID através da determinação de práticas e rituais, a autoridade não tem de ser aceita como verdade, mas como necessidade. A verdade da autoridade só pode emergir para aqueles que já acreditavam, para aqueles que já haviam anteriormente se submetido aos rituais ideológicos, somente agindo *como se* já se acreditasse é que a crença pode surgir. Este é um processo circular onde se deve abandonar a argumentação racional para assimilar a crença, isto é, a crença depende do estabelecimento de um costume externo, o qual funciona como fundamento ao inconsciente do sujeito. Para Althusser o sujeito assimila a crença oriunda do autômato externo pela sua necessidade inerente de atribuir “sentido e verdade”, de outra sorte, Pascal nos ensina que esta assimilação guarda uma parte traumática sem sentido, e que, aliás, “(...) confere à lei sua autoridade incondicional” (ZIZEK, 1999b, p.321).

Em homologia com a teoria althusseriana, Kafka mostra que a interpelação da burocracia ao sujeito é sempre recebida com estranhamento por este, ele somente internaliza a mensagem da alteridade pelo desejo de desvendar o “segredo” do grande Outro. Da mesma forma, para Lacan, a fantasia é o estruturador da realidade. Para o psicanalista é no sonho que os sujeitos se confrontam com o Real de seu desejo, sendo a vigília, a “realidade”, uma fuga deste desejo. Este horizonte psicanalítico reafirma a idéia de que a ideologia é o fundamento daquilo que vivenciamos como realidade, esta



fantasia estruturadora da realidade - ou a própria realidade - tem a função de encobrir um *trauma* que não pode ser simbolizado – o antagonismo de classes. Contudo, o sujeito não é apenas o conjunto de relações sociais no qual está inserido, se assim fosse, ao se subtrair estas relações nada sobraria, o sujeito seria um espaço vazio – ao passo que, o conteúdo positivo do sujeito, segundo Lacan, é o seu *desejo*.

Assim, *ideologia* não é uma ilusão que oculta a verdadeira realidade, mas antes, é a posição cínica que conhece a realidade à qual está inserida e continua a agir *como se* não soubesse. Se a ilusão ideológica estivesse fundada no *saber* estaríamos vivendo uma sociedade pós-ideológica. Porém, como fica evidente, a ideologia cínica se coloca no *fazer*, na ação objetiva dos sujeitos, ao passo que é uma atitude que conhece a falsidade daquilo que segue, mas continua a segui-lo. Portanto, o empecilho epistemológico derivado do conceito de ideologia cínica, que parecia solidamente decretar a derrocada da noção de ideologia em geral, se volatiliza ao primeiro contato com os Aparelhos Ideológicos de Estado, permitindo, assim, a crítica à ideologia dominante.

Bibliografia

- ALTHUSSER, L.; *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*: RJ-RJ, Graal, 2001, 8ª ed.
- _____. *Sobre a Reprodução*; Petrópolis; Vozes, 2008.
- _____. *Análise Crítica da Teoria Marxista*; Rio de Janeiro; Ed. Zahar; 1967.
- _____. *Ler o Capital*; Rio de Janeiro; Ed. Zahar; 1980.
- MARX, K. *Manifesto do Partido Comunista*; RJ-RJ, Paz e Terra, 2004, 13ª ed.
- _____. *O capital*, “prefácio”; SP-SP, Nova cultural, 1999.
- _____. *A Ideologia Alemã*; RJ-RJ, Civilização Brasileira, 2007.
- _____. *A Questão Judaica*; São Paulo; Ed. Centauro, 2003.
- _____. *Miséria da filosofia*; São Paulo; Ed. Global; 1985.
- _____. *O 18 de brumário*; in “Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos; São Paulo; Ed. Abril Cultural; 1978.
- _____. *Manuscritos econômico-filosóficos*; in “Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos; São Paulo; Ed. Abril Cultural; 1978.
- ZIZEK, S.; “O Espectro da Ideologia” in *Um mapa da ideologia*; RJ-RJ, Contraponto, 1999a.
- _____. “Como Marx Inventou o Sintoma?” in *Um mapa da ideologia*; RJ-RJ, Contraponto, 1999b.
- _____. *Bem Vindo Ao Deserto Do Real*, SP-SP, Boitempo, 2005a.
- _____. *Às portas da revolução: escritos de Lênin de 1917*; SP-SP, Boitempo, 2005b.



40 Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da Unesp

_____. “Multiculturalismo, ou lógica cultural do capitalismo multinacional” in *Zizek crítico*, SP-SP, Hacker, 2005c.

_____. “O Real da ilusão cristã: notas sobre Lacan e a religião” in *Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise*, São Paulo: Ed.Unesp, 2003.

_____. *Virtude e Terror*; Rio de Janeiro; Ed. Zahar; 2007.